

“A GENTE NÃO PESCA, A GENTE É A PESCA”: TRAJETÓRIAS SOCIOAMBIENTAIS DAS MULHERES PESCADORAS DA RESERVA EXTRATIVISTA ACAÚ-GOIANA

Ivo Raposo Gonçalves Cidreira-Neto¹

Betânia Cristina Guilherme²

Gilberto Gonçalves Rodrigues³

Ana Lúcia Bezerra Candeias⁴

Resumo: A atuação das mulheres na pesca artesanal é frequentemente invisibilizada, sendo necessário valorizar seus saberes e práticas. O objetivo deste estudo foi descrever o olhar das pescadoras sobre o ambiente pesqueiro com base em suas trajetórias socioambientais na Reserva Extrativista Acaú-Goiana. A pesquisa foi realizada com pescadoras beneficiárias do território, utilizando entrevistas semiestruturadas através do método de *snowball*. Foram entrevistadas 91 pescadoras, resultando em quatro categorias de narrativas: Gestão; Disponibilidade dos recursos; Transgeracionalidade, e Comercialização, além dos relatos sobre discriminação. Essas trajetórias permitem uma compreensão mais profunda da pesca artesanal sob a perspectiva das próprias pescadoras.

Palavras-chave: Etnoconservação; Pesca Artesanal; Gestão.

Abstract: The involvement of women in artisanal fishing is often overlooked, necessitating of their knowledge and practices. The objective of this study was to describe the perspective of the fisherwomen regarding the fishing environment based on socio-environmental trajectories in the Acaú-Goiana Extractive Reserve. The research was conducted with beneficiary fisherwomen of the territory, using semi-structured interviews through the snowball method. 91 fisherwomen were interviewed, resulting in four categories of narratives: Management; Resource availability; Transgenerationality, and Commercialization, as well as accounts of discrimination. These trajectories provide insight into artisanal fishing from the perspective of the fisherwomen themselves.

Keywords: Ethnoconservation; Artisanal Fishing; Management.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Universidade Federal de Pernambuco; E-mail: ivo.ufpe@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9657-9480>.

2 Doutora em Ciências Biológicas – Universidade Federal de Pernambuco; Professora Associada – Universidade Federal Rural de Pernambuco; E-mail: betania.cguilherme2@ufrpe.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5459-2222>.

3 Doutor em Ecologia - Technische Universität Carolo Wilhelmina Braunschweig; Professor Associado – Universidade Federal de Pernambuco; E-mail: gilberto.rodrigues@ufpe.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4262-2903>.

4 Doutora em Computação Aplicada – Instituto Nacional de Pesquisas Aplicadas; Professora Associada – Universidade Federal de Pernambuco; E-mail: ana.candeias@ufpe.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9021-7603>.

Introdução

A etnoconservação é uma ciência que busca incorporar o protagonismo dos povos e comunidades locais/tradicionais nos processos de gestão participativa, como forma de incentivar os modelos de uso sustentável da natureza (Pereira; Diegues, 2010). No Brasil, as Reservas Extrativistas (RESEX) são modelos de Unidades de Conservação (UC) que possuem a ativa participação das populações locais/tradicionais, desde a sua criação até o seu processo de gestão, utilizando estratégias participativas para fomentar os sistemas de manejo local (Lima *et al.*, 2016).

As Reservas Extrativistas Marinhas trazem como foco o uso sustentável dos recursos pesqueiros, garantindo a continuidade do desenvolvimento da pesca artesanal, utilizando estratégias de cogestão como forma de incluir os atores sociais locais (Santos; Schiavetti, 2013). Dessa forma, diferentes narrativas podem subsidiar a gestão da UC, integrando a elaboração de políticas públicas pesqueiras, como os Planos de Manejo e Acordos de Pesca (Cidreira-Neto; Rodrigues, 2021).

O território pesqueiro compreende mais do que a projeção física do ambiente, ela perpassa pela própria identidade social e cultural, incluindo o ambiente aquático como projeção desse território, tornando-se um elemento imaterial fluído (Diegues, 2000). Para compreender as dinâmicas socioambientais, é necessário olhar pela ótica de como as comunidades vivenciam este território (Cidreira-Neto; Rodrigues, 2018).

Olhando mais atentamente para as relações socioambientais provenientes das comunidades pesqueiras, existe uma perspectiva pouco investigada, que é a partir do gênero, ou seja, embarcando nos entendimentos socioambientais das pescadoras (Maneschy *et al.*, 2012). Essas mulheres são parte fundamental para a compreensão da estrutura das comunidades, visto que elas são articuladoras das questões referentes à política e gestão pesqueira, além de atuarem diariamente na pesca, da mesma forma que os pescadores (Cidreira-Neto *et al.*, 2020).

Dentro do universo da pesca artesanal, a presença do homem ganha destaque, comumente intitulado como mestre de pesca, que domina a arte pesqueira e faz a mestrança na embarcação (Ramalho, 2019). As narrativas das mulheres pescadoras acabavam sendo invisibilizadas, onde suas trajetórias na pesca artesanal, por vezes, são vistas como coadjuvantes em relação às experiências dos homens pescadores (Truchet *et al.*, 2020). Entretanto, cabe destacar que mesmo com este paradigma da pesca dominada pelos homens, as mulheres atuam ativamente para serem reconhecidas, além de

estarem na linha de frente para a conquista de direitos pesqueiros (Cidreira-Neto *et al.*, 2020).

Deve-se incluir a perspectiva de gênero no processo da gestão pesqueira participativa, principalmente em áreas protegidas, na qual as mulheres pescadoras estejam presentes nas instâncias de construção de políticas, como a sua participação nos conselhos gestores das RESEX (Maneschky *et al.*, 2012). Ocupar esses espaços resulta na valorização da pesca desenvolvida pelas mulheres, promovendo a mudança do paradigma pesqueiro que destaca principalmente a imagem dos homens.

A representação da atuação das mulheres na pesca artesanal passa por pressupostos, como a divisão espacial do ambiente pesqueiro, onde a sua atuação está atrelada à porção continental da pesca (Alonso-Población; Niehof, 2019), e atuação centrada nos reparos dos apetrechos, beneficiamento e venda (Bennett, 2005). Esses pressupostos acabam indo de encontro com outras questões, como a relevante atuação das pescadoras na gestão pesqueira e luta por direitos para toda a classe (Bennett, 2005; Cidreira-Neto *et al.*, 2020). Essas questões resultam na baixa quantidade de dados referentes à atuação das mulheres na pesca, o que dificulta a construção de estruturas de gestão pesqueira igualitárias, fundamentadas na equidade de gênero (Kleiber *et al.*, 2014).

Olhar para a pesca artesanal a partir de uma perspectiva de gênero é entender a influência desses pressupostos no cotidiano das pescadoras, e como essas questões vão influenciar na sua atividade. Além disto, partimos também da influência da escravidão doméstica, na qual é imposto às mulheres os trabalhos “domésticos”, sem reconhecimento, com baixo prestígio social e sem a retribuição financeira pelos serviços prestados (Davis, 1983). As pescadoras possuem extensas jornadas de trabalho, visando conciliar as imposições do trabalho doméstico com suas atividades na pesca artesanal (Uc-Espadas *et al.*, 2018).

A atuação das mulheres na gestão da pesca artesanal, nas suas diferentes instâncias (locais, regionais e nacionais), deve ser reconhecida e valorizada, onde suas narrativas podem servir como base para a implementação de políticas pesqueiras realmente participativas, construídas a partir das suas próprias vivências na pesca e na luta pelos direitos dos pescadores e pescadoras artesanais (Cidreira-Neto *et al.*, 2020).

Diante dessas reflexões iniciais, ainda deve-se atentar para as discussões referente aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável 5 e 14, que buscam discutir e avançar nas questões referentes à equidade de gênero e sustentabilidade marinha, sendo temáticas transversais na pesca artesanal. A

problemática se insere justamente nessas reflexões, partindo da necessidade de investigar sobre as trajetórias das mulheres na pesca artesanal, discutindo as influências do gênero e dos conhecimentos ecológicos.

Partimos da seguinte pergunta: “Como as mulheres descrevem suas trajetórias pesqueiras?”. O objetivo do presente estudo é descrever o olhar das pescadoras acerca do ambiente pesqueiro com base em suas trajetórias socioambientais.

1 Procedimentos metodológicos

Área de estudo

A área de estudo foi a RESEX Acaú-Goiana, criada através do decreto nº 851, de 22 de dezembro de 2007, localizada no Nordeste brasileiro, entre os estados de Pernambuco (PE) e Paraíba (PB) (Fadigas; Garcia, 2010). Esta UC abrange três municípios, com seis comunidades pesqueiras beneficiárias, que podem realizar o manejo dos recursos pesqueiros no local. Os municípios são: (i) Goiana (PE), com as comunidades de Carne de Vaca, Povoação São Lourenço, Tejucupapo e Balde do Rio (situado na região central do município); (ii) Caaporã (PB) e (iii) Pitimbu (PB), com a comunidade de Acaú (Figura 1).

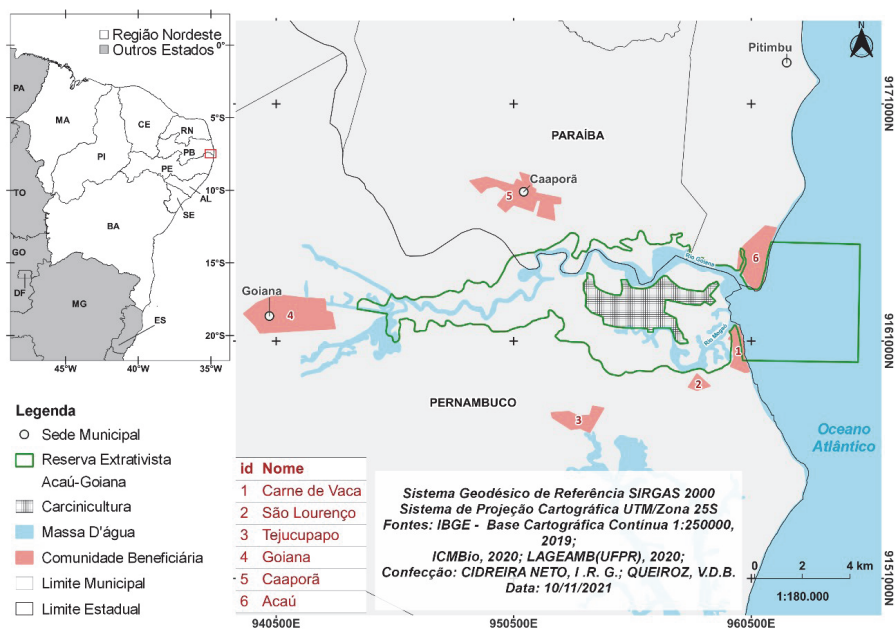


Figura 1 – Localização da Reserva Extrativista Acaú-Goiana, no Nordeste do Brasil, enfatizando as comunidades beneficiárias.

O local abrange o estuário dos rios Goiana e Megaó, agregando ambientes praias, estuarinos e manguezais, com diversa fauna de peixes, crustáceos (Lima *et al.*, 2021) e moluscos (Cidreira-Neto; Rodrigues, 2021). O uso sustentável dos recursos provenientes da região é estabelecido a partir do Conselho Gestor Deliberativo, no qual os comunitários representantes de cada comunidade possuem atuação (Lima *et al.*, 2016).

A própria história da RESEX Acaú-Goiana conta com o protagonismo das mulheres pescadoras, visto que elas foram o ponto de partida na reivindicação da proteção do estuário dos rios Goiana e Megaó, principalmente para a proteção do marisco *Anomalocardia flexuosa* (LINNAEUS, 1767) (Fadigas; Garcia, 2010). E, atualmente, as pescadoras continuam atuando na gestão da área (Cidreira-Neto *et al.*, 2020), marcando expressiva presença na cadeia produtiva da pesca de moluscos na região (Cidreira-Neto; Rodrigues, 2021).

Métodos e técnicas

A pesquisa parte das premissas da dialética da natureza, abordando a contestação da realidade, auxiliando na construção das trajetórias das pescadoras (Engels, 1979). As entrevistas semiestruturadas foram aplicadas com o auxílio de um roteiro pré-estabelecido, contendo perguntas e tópicos que necessitavam ser abordados, guiando o fluxo da conversa para atingir os objetivos propostos (Bernard, 2017). Três principais pontos foram abordados: as trajetórias na pesca, a incidência de casos de discriminação ocasionalmente sofridas pelas pescadoras, e as principais espécies utilizadas pelas pescadoras na região. Essas entrevistas foram realizadas nos mais diversos locais, como residências, portos de embarcação, associações e durante a atividade de pesca, como forma de deixar os entrevistados confortáveis em participar da pesquisa.

O público alvo foram as mulheres pescadoras que utilizam os moluscos provenientes do estuário da RESEX Acaú-Goiana, tendo como critério de inclusão e exclusão que essas mulheres devem ser maiores de 18 anos, residir em uma das comunidades beneficiárias da RESEX Acaú-Goiana, desenvolver a pesca artesanal de moluscos, ou ser aposentada como pescadora (e possuir os moluscos como principal grupo explorado).

O método de amostragem foi o de *snowball*, sendo um método não probabilístico, que consiste na criação de um sistema de indicações, onde o entrevistado indica o próximo participante da pesquisa, e assim sucessivamente, até que exista a repetição das informações obtidas ou

repetição dos indicados (Godman, 1961). Dessa forma, não existe um quantitativo pré-definido para ser atingido, e sim, o ponto de saturação das entrevistas foi a partir da repetição dos próximos indicados para participar da pesquisa.

O projeto consta com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Pernambuco (nº 3.506.389). Além da aprovação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a partir do Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBIO) (nº 69287-3). O projeto também se encontra cadastrado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SISGEN) (nº A78C0D8).

Análise de dados

A análise dos dados consistiu em abordagens qualitativas, com a descrição das narrativas das pescadoras; e quantitativa, com a utilização dos softwares de análise textual, sendo: *Iramuteq (version 0.7, alpha 2)* para calcular a Classificação Hierárquica Descendente (CHD); o *Visual Anthropac - Freelists 1.1* para classificar os recursos pesqueiros citados a partir da Índice de Saliência (IS), que leva em consideração a ordem de citação. Por fim, foi calculado também o Valor de Uso (VU), adaptado por Rossato *et al.* (1999), das espécies citadas pelas pescadoras, utilizando a seguinte fórmula:

$$VU = \sum \frac{U}{n}$$

Onde VU = Valor de uso; U = Número de citação da espécie e n = Número de entrevistados.

2 Resultados e discussão

Ao total foram entrevistadas 91 pescadoras artesanais. A idade média das entrevistadas foi de 47 anos (Tabela 1), demonstrando que existe continuidade na pesca artesanal desenvolvida pelas mulheres.

Tabela 1 – Perfil das pescadoras artesanais de moluscos da Reserva Extrativista Acaú-Goiana durante as entrevistas.

Idade	%
18 - 20	1,18%
21 - 30	11,76%
31 - 40	25,88%
41 - 50	21,18%
51 - 60	20%
61 - 70	14,12%
71 - 80	3,53%
81 - 90	2,35%
Situação	
Ativa	77,38%
Aposentada	22,62%

Fonte: Próprios autores (2023).

As entrevistas geraram um *corpus* textual com 1765 segmentos de textos, apresentando um aproveitamento de 79% (1397 segmentos), que resultou em quatro agrupamentos tipo cluster (Figura 2). Classe 1 – Gestão pesqueira; Classe 2 – Disponibilidade dos recursos; Classe 3 – Transgeracionalidade da pesca, e Classe 4 – Comercialização.

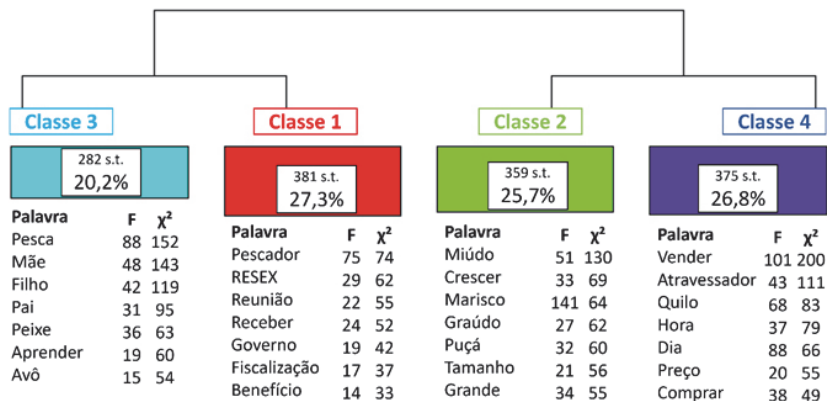


Figura 2 – Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do corpus das entrevistas com as pescadoras artesanais, evidenciando os agrupamentos cluster. Fonte: Próprios autores (2023).

A classe 1 e 3 possuem maior proximidade entre si, e juntas somam aproximadamente 47% dos segmentos de texto. A classe 1 agrega palavras que refletem sobre processos de gestão da pesca na localidade, e dois pontos podem ser explanados, sendo a fiscalização e sobre o direito ao benefício da aposentadoria.

Foi relatado a falta de fiscalização na RESEX, como na seguinte fala “Para você por em prática tem que fiscalizar, para saber se aquela lei vai funcionar e se você não fiscalizar aquela lei nunca vai funcionar, e isso é uma coisa que a gente não tem aqui na RESEX”. Essa fiscalização não foi citada apenas acerca das práticas desenvolvidas na pesca, e sim, acerca dos principais impactos que influenciam nas dinâmicas socioambientais da pesca (Tabela 2).

Tabela 2 – Principais impactos que afetam nas dinâmicas socioambientais relatados pelas pescadoras.

Impactos	Detalhamento	Narrativas
Indústrias	Referente aos resíduos oriundos das indústrias situadas nas áreas adjacentes da RESEX Acaú-Goiana	“A cana com esses agrotóxicos que eles jogam acabam com os manguezais” “A parte que a gente tem mais impacto aqui na RESEX é justamente aqui onde vem as fábricas do rio”
Saneamento	Referente a falta de saneamento básico das comunidades beneficiárias	“Tem também sobre os dejetos, que tem esgoto aberto, se tem esgoto aberto vai para onde? A tendência é ir para o mar”
Resíduos sólidos	Referente ao descarte de resíduos sólidos no ecossistema	“O outro impacto que tem, que a gente não tem nem como falar e nem como controlar, são as pessoas mesmos que vão a praia e soltam lixo, a gente vê ai tartaruga, peixe morrendo com coisa, mais é falta de conscientização da população sobre a poluição que o povo leva para dentro do mar”
Turismo	Referente ao turismo predatório	“Estamos com um problema sério, estão querendo voltar com a Balsa, e mais três Catamarã. A Balsa já é um perigo, e três Catamarã é para destruir o berçário todinho, porque o Catamarã pra ele andar ele vai revirando a lama todinha, mas o pessoal só fala em desenvolvimento”

Fonte: Próprios Autores (2021).

Os impactos citados pelas pescadoras estão em concordância com estudos desenvolvidos na região, apontando as indústrias como o principal

foco de impacto (Nascimento; Rodrigues, 2022). Esses impactos afetam diretamente na dinâmica da pesca artesanal, principalmente na etapa final da cadeia produtiva, que é comercializado, como presente na seguinte narrativa “No petróleo chegou o impacto, ninguém comprou [...] o petróleo não chegou aqui, mas chegou o impacto, o que deu no mesmo, foi terrível”.

Seguindo para a questão da aposentadoria, as pescadoras relataram ações de discriminação exercida pelo órgão responsável por garantir esse direito (Instituto Nacional do Seguro Social – INSS). Segue relato a respeito desse caso:

“O INSS, e a gente tem que ir fedendo a peixe pra poder ser pescadora, isso não existe (...) Você pra ir no INSS tem que ir quase da forma que tá em casa fazendo as coisas. Porque, pra ir no INSS, se você se arrumar, perde os direitos. Porque a mulher pra ter direito, ela tem que perder a vaidade, ela não pode botar um batom, não pode se pintar, não pode fazer nada. Pra ir no INSS, não pode arrumar o cabelo, não pode fazer nada, tem que ir assim mesmo. Porque senão, ele não considera que é pescadora”.

Diante das narrativas apresentadas nesse estudo, existem diversas adversidades em ser mulher no universo da pesca artesanal, porém isso não diminui o engajamento das pescadoras na gestão pesqueira. Dessa forma, é necessário incentivar que as mulheres ocupem os espaços de gestão pesqueira, incluindo assim novas perspectivas e quebrando antigos paradigmas de gênero (Carmo *et al.*, 2016). É justamente nesse cenário que a ODS 5 busca solucionar, desfazendo os pressupostos sexistas, buscando garantir a equidade na pesca artesanal.

A classe 3 agrupa palavras que estão relacionada a como os saberes locais são transmitidos entre as gerações. O início na pesca mais comum foi com as mães (56,36%), seguido pelas amigas (16,36%), pai (12,73%), marido (7,27%), avó (3,64%) e sozinha (3,64%). Nesse ponto é importante ressaltar que o aprendizado da pesca foi realizado por uma figura masculina em quase 20% dos casos (pai e marido), refletindo sobre a atuação dos homens na pesca artesanal de moluscos.

As ações sugeridas foram para fortalecer o sentimento de pertencimento ao ambiente e manter viva a essência da pesca artesanal, integrando os conhecimentos científicos aos conhecimentos locais. Segundo uma das pescadoras, agregar os jovens às dinâmicas socioambientais irá auxiliar a manter vivas as tradições: “Eu acho assim, os jovens são o futuro da nação, são o nosso futuro, eu vejo os jovens como o nosso futuro”.

A classe 2 e 4 juntas somam 52% dos segmentos de textos, estando mais próximas entre si. A classe 2 foca na problemática de diminuição do marisco, que reflete diretamente no uso deste recurso pelas pescadoras.

Quando questionadas se o marisco poderia acabar, 75% responderam que não, afirmando que ele poderia diminuir, mas que sempre haveria maneiras de desenvolver a pesca deste recurso. Vale ressaltar que o próprio estuário dos rios Goiana e Megaó passou por graves impactos ambientais ocasionados pelo desenvolvimento urbano e industrial na região no ano de 1999, resultando em uma diminuição expressiva da disponibilidade dos recursos pesqueiros, sendo este o pivô para as primeiras discussões sobre a criação de uma área protegida (Fadigas; Garcia, 2010). A questão do não reconhecimento da possibilidade de esgotamento do recurso pode resultar na adoção de práticas não sustentáveis da pesca na região, baseadas em uma lógica de recurso infinito, tornando insustentável a continuidade da atividade. Dentro deste ponto, pode-se refletir sobre o mito do “bom selvagem”, que sugere que todas as comunidades tradicionais e artesanais não desempenham atividade nocivas de manejo da natureza, ignorando as novas adaptações ocasionadas por diversos fins (sociais, econômicos, culturais, entre outros) (Arruda, 1999; Adams, 2000). Dessa forma, deve-se utilizar do próprio histórico do local, com a drástica redução dos recursos pesqueiros, como elemento para ações de educação ambiental.

Em contraponto, 25% das pescadoras afirmaram que o marisco pode acabar, relacionando esse fato à pesca exploratória com o puçá de cabo (também conhecido como jereré de cabo, ou gadanho de cabo) (Figura 3). O uso desse apetrecho resulta em maior capacidade de pesca, e dependendo da maré, ele irá selecionar tamanhos variados (Gomes *et al.*, 2019).



Figura 3 – Apetrechos de pesca conhecidos popularmente como puçá de cabo, jereré de cabo e gadanho de cabo.
Fonte: Próprios autores (2023).

Referente às medidas de gestão que poderiam ser adotadas para melhoria da pesca artesanal do marisco na RESEX Acaú-Goiana, 48,78% das entrevistadas relataram que deveria ser implementada uma pesca seletiva

do marisco, garantindo apenas a retirada dos maiores tamanhos (conhecido popularmente como graúdos). Este fato demonstra a falta de conhecimento acerca das medidas normativas da RESEX, pois existe um Acordo de Gestão (Portaria nº 851, de 2017), que define um limite mínimo de 15 mm de comprimento para a pesca do marisco. É necessário que as comunidades estejam mais integradas com a estrutura normativa da unidade, para isso, são necessárias ações de educação ambiental e de fiscalização na área.

Outros dois pontos foram levantados pelas pescadoras, como a criação de um período de defeso (29,27%). O período de defeso para o marisco já é algo que vem sendo mencionado pelas pescadoras como uma proposta que vai garantir a sustentabilidade da pesca deste recurso, possibilitando a continuidade da renda, atrelado à possibilidade da manutenção do estoque pesqueiro (Mourão *et al.*, 2020).

Essas questões em prol da sustentabilidade da pesca artesanal estão alinhadas à ODS 14, que aborda a conservação e uso sustentável do ecossistema aquático, pois além de propor estratégias que garantam a manutenção dos estoques pesqueiros, asseguram um ecossistema equilibrado para o desenvolvimento das atividades pesqueiras artesanais. Esses conhecimentos dos atores sociais locais, quando incluídos nos processos de gestão do território, podem garantir avanços para a ODS 14 (Rees *et al.*, 2018; Kirkfeldt; Santos, 2021).

A classe 4 agrupa palavras que refletem sobre as dinâmicas que impactam o valor final do produto pescado. A principal estratégia de comercialização é a entrega para atravessador (72,73%), que em geral, resulta em menor valor recebido pelo produto pescado, porém, essa é uma estratégia que assegura maior certeza em conseguir vender. A presença do atravessador, na pesca de moluscos, é um dos principais meios de comercialização do produto, porém, a rentabilidade é inferior às demais estratégias de venda (Teixeira; Campos, 2019). As outras formas de venda foram para comprador fixo (14,54%), quando o destino são bares e restaurantes; venda direta ao consumidor final (9,09%); comercialização em feira (1,82%), e consumo próprio (1,82%).

Foi questionado se as pescadoras já passaram por alguma situação de discriminação, tanto de gênero, quanto por serem pescadoras, onde 63,83% afirmaram que nunca sofreram nenhum tipo de preconceito, enquanto 36,17% relataram alguns casos, que vão ser descritos a seguir. As ações de discriminação podem ser analisadas a partir de alguns marcadores.

O primeiro refere-se à discriminação por elas serem mulheres pescadoras, na tentativa de diminuir a sua existência por atuarem na pesca artesanal. O processo de discriminação das pescadoras com base no gênero e identidade é algo recorrente em diversas localidades do mundo,

impulsionando os casos de injustiça social e ambiental (Koralagama et al., 2017). Os relatos podem ser observados a seguir:

“O pessoal fala, essa mulher toda bonita não pesca, essa mulher é toda amostrada não pesca, eu me amostro sim, eu tenho orgulho, ando bonita, cheirosa, e no outro dia eu tou dentro da maré. Minha manicure fala, você quer ser madame ou quer ser pescadora, eu quero ser os dois, um dia eu quero ser madame, e outro dia eu estou na maré”

“Eu sofri, eu fui na cidade com um balde de ostra e as mulheres olharam pra e ficaram rindo”

“Ficam falando que tô fedendo a maré”

“Já sim, um olhar diferente, porque a gente vem toda equipada para se proteger do sol, aí o pessoal já fica olhando assim, como se a gente não fosse ninguém, não merecesse estar ali passando”

“Tem muitas pessoas que falam do cheiro, mesmo que a gente tomasse banho, mas eles falavam”

Essas falas refletem sobre o quanto as identidades das pescadoras são discriminadas, na tentativa de diminuir a sua existência. Ter a sua imagem atrelada ao mangue demonstra que a própria concepção social sobre o manguezal é de um ecossistema sujo, insalubre e sem importância, logo, qualquer pessoa que seja associada a este local também é estigmatizada com essas características.

Ainda seguindo essa lógica, a seguinte narrativa leva à tona mais um olhar sobre o processo de discriminação, pois esta narrativa remete ao fato de uma das comunidades beneficiárias ser quilombola.

“A gente sofre preconceito e sofre preconceito também por causa da cor, a gente é de uma comunidade quilombola”

Outro ponto levantado pelas pescadoras foi referente a uma discriminação nas escolas, como levantado nos seguintes relatos:

“Sim, sempre, ser filha de pescador, ser pescadora é um tabu muito grande ainda, porque sofri isso na escola, e ainda sofro, por incrível que pareça, ainda tem gente da comunidade que pratica bullying, de preconceito, de racismo”

“Sim, principalmente em colégio, muito, porque outras pessoas, outras crianças, ou outras adolescentes que por terem pais que tiveram oportunidade de estudar, já que os meus não tiveram, e tem um emprego hoje, aí acabam discriminando, ou tentando né porque eu não me abato com isso não, tentando descriminar porque é pescador, é marisqueira”

“Minhas meninas sofreram preconceito na escola, eles falavam mal de mim na escola, chegaram até a brigar, falando porque eu era pescadora”

Mesmo diante dessas situações de discriminação, 87,5% das pescadoras afirmaram que gostam e se sentem felizes em atuar na pesca artesanal, como exemplificado nas seguintes narrativas:

“Tenho muita satisfação, é um prazer imenso participar da pesca, porque a pesca é uma coisa que você não tem chefe, apesar de ser uma prática muito difícil, muito sofrida, porque é serviço braçal, é serviço pesado, mas assim, é muito satisfatório estar em contato com a natureza, você tem ali a satisfação de pescar uma coisa saudável pro seu consumo, pro consumo de quem vai comprar aquele pescado, que você sabe que está adquirindo uma coisa natural, uma coisa sem agrotóxico, então eu acho muito satisfatório”.

É necessário pontuar que a pesca desenvolvida pelas mulheres, antes de tudo, é desempenhada por quase metade dos pescadores registrados no Brasil, e essa relação de gênero deve estar presente na construção das políticas públicas pesqueiras (Santos, 2015). Garantir a equidade na pesca artesanal e acabar com as formas de discriminação de gênero sofrida pelas mulheres pescadoras está de acordo com o proposto na ODS 5, garantindo um ambiente saudável para o desenvolvimento das suas atividades pesqueiras. Um dos pontos iniciais para o alcance dessa ODS é a ocupação de cargos de gestão pesqueiras por mulheres pescadoras, para que os processos decisórios sejam idealizados já com a inclusão da perspectiva de gênero (Cidreira-Neto et al., 2020).

Recursos pesqueiros

Foram citadas sete espécies de moluscos que possuem maior importância para a localidade, como consta na Tabela 3. O marisco, sururu e a ostra foram os mais representativos, demonstrando a relevância desses recursos para a pesca artesanal na RESEX Acaú-Goiana.

Tabela 3 – Espécies citadas pelas pescadoras, contendo o valor de uso e índice de saliência.

Nome Popular	Espécie	Citação	Valor de Uso	Saliência
Marisco	<i>Anomalocardia flexuosa</i>	65	0,81	0,74
Sururu	<i>Mytella spp.</i>	51	0,64	0,43
Ostra	<i>Crassostrea rhizophorae</i>	43	0,54	0,36
Marisco Redondo	<i>Phacoides pectinatus</i>	28	0,35	0,12
Taioba	<i>Iphigenia brasiliensis</i>	9	0,11	0,06
Unha de Velho	<i>Tagelus plebeius</i>	7	0,09	0,05
Gatapú	<i>Pugilina morio</i>	6	0,08	0,04

Fonte: Próprios Autores (2021).

O marisco, sururu e a ostra são os principais molusco explorados na região pelas mulheres pescadoras (Mourão *et al.*, 2020; Cidreira-Neto; Rodrigues, 2021). Os demais moluscos possuem pouca exploração, tanto devido à dificuldade de pesca quanto à baixa disponibilidade do recurso.

Além dos moluscos, dois crustáceos foram citados como relevantes para a pesca das mulheres na região, sendo o siri (*Callinectes spp.*), mencionado como principal fonte de pesca por 8 pescadoras, e o aratu (*Goniopsis cruentata*, Latreille, 1803), citado por sete pescadoras. Ou seja, a atuação dessas mulheres na pesca é plural, utilizando diferentes recursos provenientes da região.

3 Conclusão

O estudo se aprofundou em quatro classes analítica, resultando nas seguintes reflexões finais. A classe 1, refere-se aos processos de gestão pesqueira, apontando para a necessidade de promover uma melhor fiscalização do uso dos recursos pesqueiros nas áreas de domínio da RESEX Acaú-Goiana, além das imposições sociais direcionadas às mulheres pescadoras para a aquisição de direitos trabalhistas, como no caso da aposentadoria. A classe 2, com foco na diminuição da abundância dos mariscos na região, trouxe à tona um ponto preocupante, no qual as próprias pescadoras percebem esse bem natural como um recurso infinito, o que pode resultar em práticas pesqueiras insustentáveis. A classe 3, sobre a transgeracionalidade, demonstrou que as mães foram as principais fontes de transmissão dos saberes pesqueiros para as filhas, porém, a partir da idade média das entrevistadas, percebe-se que existe baixa aderência à atividade pesqueira pelas jovens. Por fim, a classe 4 apontou para a comercialização do pescado, tendo como a principal estratégia de venda a intermediação do atravessador, o que resulta em menor rendimento financeiro para as pescadoras.

A trajetória das pescadoras artesanais envolve uma complexa conexão de saberes, que abrangem todas as dinâmicas da pesca artesanal, compreendendo as interações da cadeia produtiva, bem como as reflexões diante dos casos de discriminação. Propostas de gestão, identidade, vínculo emocional com o território são mais do que um conjunto de experiências vividas; juntas, elas representam resistências e importantes noções de como desenvolver um manejo pesqueiro justo, com equidade e sustentabilidade.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Fundo Brasileiro para a Biodiversidade, pela bolsa de pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ADAMS, C. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, v.43, n.1. p.145-182. 2000. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012000000100005>

ALONSO-POBLACIÓN, E.; NIEHOF, A. On the power of a spatial metaphor: Is female to land as male is to sea?. **Marine Studies**, v.18, p.249-257, 2019. <https://doi.org/10.1007/s40152-019-00148-z>

ARRUDA, R. “Populações tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **Ambiente e Sociedade**, n.5, 1999. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X1999000200007>

BENNETT, E. Gender, fisheries and development. **Marine Policy**, v.29, p.451-459, 2005. <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2004.07.003>

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches**. 4 ed. New York: Rowman & Littlefield, 2017.

CARMO, J. C.; PIRES, M. M.; JÚNIOR, G. J.; CAVALCANTE, A. L.; TREVIZAN, S. D. P. Voz da natureza e da mulher na RESEX de Canavieiras-Bahia-Brasil: sustentabilidade ambiental e de gênero na perspectiva do ecofeminismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.24, n.1, p.155-180, 2016. <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p155>

CIDREIRA-NETO, I.R.G.; RODRIGUES, G.G. Construções sociais e complexidades na gestão da pesca artesanal. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, v.7, n.2, p.46-61, 2018.

CIDREIRA-NETO, I.R.G.; RODRIGUES, G.G.; CANDEIAS, A.L.B. Pesca artesanal: identidade e representatividades da mulher na pesca artesanal. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v.13, n.42, p.62-76, 2020. Pesca artesanal: identidade e representatividades da mulher na pesca artesanal. <https://doi.org/10.3895/cgt.v13n42.10577>

CIDREIRA-NETO, I.R.G.; RODRIGUES, G.G. Productive chain of artisanal mollusk fishing and the role of fisherwomen. **Revista Etnobiología**, v.19, n.1, p.172-188, 2021.

- DAVIS, A.Y. **Women, race, and class**. Vintage, 1983.
- DIEGUES, A.C. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2000.
- ENGELS, F. **A dialética da natureza**. 6ª edição. Coleção Pensamento Crítico, 1979.
- GOODMAN, L. Snowball Sampling. **Annals of Mathematical Statistics**, v.32, n.1, p.148-170, 1961
- KLEIBER, D.; HARRIS, L.M.; VINCENT, A.C.J. Gender and small-scale fisheries: a case for counting women and beyond. **Fish and Fisheries**, 2014. <https://doi.org/10.1111/faf.12075>
- FADIGAS, A.B.M.; GARCIA, L.G. Uma análise do processo participativo para a conservação do ambiente na criação da Reserva Extrativista Acaú-Goiana. **Sociedade e Natureza**, v.22, n.3, p.561-576, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1982-45132010000300012>
- GOMES, J.O.L.; MELO, A.S.; LOPES, S.F.; MOURÃO, J.S. Techniques for Catching the Shellfish *Anomalocardia flexuosa* in a Tropical Estuary in Northeast Brazil. **Human Ecology**, v.47, p.931-939, 2019. <https://doi.org/10.1007/s10745-019-00119-2>
- KIRKELDT, T.S.; SANTOS, C.F. A Review of Sustainability Concepts in Marine Spatial Planning and the Potential to Supporting the UN Sustainable Development Goal 14. **Frontiers in Marine Science**, v.8, 2021. <https://doi.org/10.3389/fmars.2021.713980>
- KORALAGAMA, D.; GUPTA, J.; POUW, N. Inclusive development from a gender perspective in small scale fisheries. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v.24, p.1-6, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2016.09.002>
- LIMA, M.E.A.; SELVA, V.S.F.; RODRIGUES, G.G. Gestão participativa nas reservas extrativistas: a atuação do Instituto Chico Mendes da Biodiversidade. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v.9, n.4, p.1072-1087, 2016.
- LIMA, M.C., PEREIRA, C.A.M., ARAÚJO, M.S.L.C., RODRIGUES, G.G., NICACIO, G. Seasonal variation in biometric parameters in a population of the endangered blue land crab (*Cardisoma guanhumi*): Indicators for assessment and management. **Regional Studies in Marine Science**, v.45, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.rsma.2021.101804>
- MANESCHY, M.C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M.L.M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Estudos Feministas**, v.20, n.3, p.713-737, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300007>
- MOURÃO, J.S.; BARACHO, R.L.; MARTEL, G.; BARBOZA, R.R.D.; LOPES, S.F. Local ecological knowledge of shellfish collectors in an extractivist reserve,

Northeast Brazil: implications for co-management. **Hydrobiologia**, v.847, p.1977-1997, 2020. <https://doi.org/10.1007/s10750-020-04226-w>

NASCIMENTO, C.H.V.; RODRIGUES, G.G. Impactos socioambientais e implicações na pesca artesanal das comunidades beneficiárias da RESEX Acaú-Goiana. **PerCursos**, v.23, n.53, p.240-261, 2022. <https://doi.org/10.5965/1984724623532022240>

PEREIRA, B.E.; DIEGUES, A.C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.22, p.37-50, 2010. <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v22i0.16054>

RAMALHO, C. W. N. Mestria da pesca: cultura de um ofício. **Etnográfica**, p.315-337, 2019. <https://doi.org/10.4000/etnografica.7730>

REES, S.E.; FOSTER, N.L.; LANGMEAD, O.; PITTMAN, S.; JOHNSON, D.E. Defining the qualitative elements of Aichi Biodiversity Target 11 with regard to the marine and coastal environment in order to strengthen global efforts for marine biodiversity conservation outlined in the United Nations Sustainable Development Goal 14. **Marine Policy**, v.93, p.241-250, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2017.05.016>

SANTOS, C.Z.; SCHIAVETTI, A. Assessment of the management in Brazilian Marine Extractive Reserves. **Ocean e Coastal Management**, v.93, p.26-36, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.ocecoaman.2014.03.007>

SANTOS, A.N. Fisheries as a way of life: Gendered livelihoods, identities and perspectives of artisanal fisheries in eastern Brazil. **Marine Policy**, v.62, p.279-288, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2015.09.007>

TEIXEIRA, S.F.; CAMPOS, S.S. Mollusc Gathering in Tropical Regions of Brazil. In: **Molluscs**. IntechOpen, 2019. p. 61.

TRUCHET, D.M.; TRUCHET, R.M.; NOCETI, M.B. Roles y relaciones de género en contextos de pesca artesanal: una reconstrucción a partir de las narrativas orales de varones pescadores del Estuario de Bahía Blanca. **Revista de Estudios Marítimos y Sociales**, v.13, n.16, 2020.

UC-ESPADAS, M.; MOLINA-ROSAES, D.; GURRI, F.D.; PÉREZ-JIMÉNEZ, J.C.; VÁZQUEZ-GARCÍA, V. Fishing activities by gender and reproductive stage in Isla Arena, Campeche, Mexico. **Marine Policy**, v.89, p.34-39, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.marpol.2017.12.011>

Recebido em julho de 2023.

Aprovado em março de 2024.